

COM referência ao descobri-
mento e colonização do Bra-
sil, o grande tema dos motivos
edênicos sugeriu a Sérgio
Buarque de Holanda essa obra-
prima que é *Visão do Paraíso*.
Falta acrescentar, em comple-
mento à sua tese, que o Índio,
o selvagem bom do colonizador
ocidental, também cultivava a
sua idade áurea e a nostalgia
do Paraíso Perdido. Sentia-se,
como aqueles soberbos cristãos
adoradores do ouro, em pleno
rebaixamento de uma condição
anterior privilegiada, por efei-
to de alguma ruptura, *in illo*
tempore.

Os mitos do Paraíso Perdido
podem variar com as formas
culturais, mas impressionante é
a concordância que apresentam
quanto a dois fatores: a ori-
gem concebida como perda e a
necessidade de um retorno a
essa origem, pela relembração
obrigatória na repetição periódica
de um ritual, uma espécie
de *anamnese*. Naquele tem-
po — rezam as variantes edê-
nicas mais conhecidas — o Ho-
mem era imortal, não trabalha-
va e podia manter comércio di-
reto com Deus; uma escada li-
gava a Terra ao Céu; uma
árvore maternal dava sombra
e fruto ao mundo inteiro. Mas
o Homem decaiu desse primor,
tornando-se mortal, dividido
pelo sexo é obrigado a traba-
lhar.

Para dar a entender o tra-
balho e mais tarde o jornal do
seu ganho, só dispunha o nos-
so índio de uma palavra: *ca-
neóngüê*, fadiga. Mas logo sen-
timos que o verdadeiro signi-
ficado, o conteúdo intencional
da palavra é uma alusão às
suas condições de exilado, ou
decaído. Numa das variantes do
ócio paradisíaco, instrumentos
agrícolas trabalham para o Ho-
mem, como autômatos. Vamos
encontrar o mesmo traço em
carta de Nóbrega, ao descrever
a cerimônia de visitação e
exortação do pajé. No discurs-
so mágico, parece evidente a
alusão a um arrebatamento edê-
nico, de enlêvo e refrigério;
aos ouvidos do padre, tudo
aquilo soa a lengalenga, ou ma-
draçaria: "Em chegando o fei-
ticeiro com muita festa ao lu-
gar, lhes diz que não curem de
trabalhar, nem vão à roça, que
o mantimento por si crescerá,
e que nunca lhes faltará que
comer, e que por si virá à ca-
sa, e que as enxadas irão ca-
var e as frechas irão ao mato
por caça para seu senhor".

O advento de uma idade do
ouro, entre os Tupinambá da
costa e os Guaraní do Para-
guai, se distingue quase sem-
pre pela imortalidade ou lon-
gevidade prometida aos crentes,
e pela abundância de manti-
mentos, sem que isso os obri-
gue ao amanhã da terra, à ca-
ça e à pesca. Egon Schaden,
com apoio nas pesquisas de

A SOMBRA DA ESTANTE

Visão do Paraíso

AUGUSTO MEYER

Curt Nimuendaju, Herbert
Baldus, Alfred Métraux e
muitos outros, foi o primeiro
entre nós a desenvolver o te-
ma, no seu *Ensaio Etno-socio-
lógico sobre a Mitologia He-
róica de algumas Tribos Indí-
genas do Brasil*. Reproduz um
trecho de Fernão Cardim, nos
Tratados, em quase tudo coin-
cidente com as palavras de Nóbrega.
Dizia o Caraíba aos Índios
que "não rocem nem plan-
tem seus legumes, e mantimen-
tos, nem cavem, nem traba-
lhem, etc., porque com sua vin-
da é chegado o tempo em que
as enxadas por si hão de ca-
var, e os *panicus* ir às roças e
trazer os mantimentos". Quem
não pensará logo no *Schlaraf-
fenland*, no *Pays de Cocagne*

dos fabulários clássicos? Ou
no Paraíso Prometido de todas
as religiões? O padre, todavia,
em seu fervoroso mas limitado
zêlo apostólico, só podia ver na
pregação do rival americano a
traça demoníaca e o incitamen-
to à preguiça.

Mostra-nos Egon Schaden
que a idade de ouro chegava
a assumir feição escatológica,
se a miragem do Paraíso era
situada num outro mundo, co-
mo no mito do *Yvy-marãey*, a
Terra sem Males, dos Apapo-
kuva, situada no nascente, além
do oceano; ou mais particular-
mente messiânica, se era con-
cebida como querência ideal,
terra da promessa, ao alcance
de movimentos migratórios.
Em certos casos, a mudança de

cultura, ao contato com os
brancos, veio dar novo alento
a esses vagos surtos messiâni-
cos. Mas houve também pelo
menos um notável exemplo de
migração provocada por crise
de fundo escatológico. Assim,
nos princípios do século XIX,
os Apapokuva, conhecidos prin-
cipalmente através daquela
horda guarani que adotou Curt
Nimuendaju, tangidos de um
lado pelo desespero e do outro
pela esperança, foram deixan-
do em levadas sucessivas a re-
gião que habitavam e empre-
enderam longa e penosa mar-
cha em busca do Paraíso. Era,
sem dúvida alguma, a "sauda-
de do Céu", a que se refere o
clássico.

Os primitivos serão primiti-
vos quando os imaginamos sem
história, nascidos do nada e
carecidos de uma profundidade
humana, que também se im-
pregnou de vivência no tempo.
Os *Naturvolkern* só existem na
ilusão dos sábios, como termo
comparativo de uma hipótese.
Eles também se revelam a seu
modo civilizados e evoluídos;
na sua grande maioria, também
se consideram decaídos de um
primor ancestral. No momento
da expansão transatlântica do
europeu, até o homem ameri-
cano de alguma estratificação
cultural, embora de modo ru-
dimentar, já havia criado pa-
ra seu uso valores de exem-
plaridade, vivendo na ilusão de
uma decadência voltada para a
perfeição das origens. O filho
da Natureza, o selvagem bom,
o Índio que os cronistas viam
todo redourado pelo clarão
amanhecendo da Idade Áurea,
já sofria desse mal crepuscular:
a saudade do Paraíso.

Correio da Manhã
9.12.1961

61/12/09
Correio da Manhã